

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

DENISE FELIX DE LIMA

**SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇA: POR UMA COMPREENSÃO DA
VARIÇÃO LINGUÍSTICA EM CANÇÕES DE LUIZ GONZAGA**

**PATU
2017**

DENISE FELIX DE LIMA

**SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇA: POR UMA COMPREENSÃO DA
VARIÇÃO LINGUÍSTICA EM CANÇÕES DE LUIZ GONZAGA**

Monografia apresentada à
Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte (UERN), Campus
Avançado de Patu (CAP), Curso de
Letras, Habilitação em Língua
Portuguesa, como requisito
obrigatório para conclusão do curso.

Orientadora:

Prof^a. Dra Cláudia Maria Felício
Ferreira Tomé.

**PATU
2017**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

L732s Lima, Denise Felix de
Sobre diferença e identidade: por uma compreensão da variação linguística em canções de Luiz Gonzaga. / Denise Felix de Lima. - Patu, 2017. 39p.

Orientador(a): Profa. Dra. Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Variação linguística. Identidade. Reiteração.. I. Tomé, Cláudia Maria Felício Ferreira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

Denise Felix de Lima

**SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇA: POR UMA COMPREENSÃO DA
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CANÇÕES DE LUIZ GONZAGA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu (CAP), Curso de Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, como requisito obrigatório para conclusão do curso.

Orientadora:

Prof^a. Dra Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé.

Aprovada em 25 de outubro de 2017

Banca Examinadora:

Prof^a Dra Claudia Maria Felicio Ferreira Tomé - UERN
(Orientadora)

Prof^a Ma. Maria Gorete de Paulo Torres – UERN
1^a Examinadora

Prof^a Ma. Kadygyda Lamara de França Leite – UERN
2^a Examinadora

Aos meus filhos, Luane, Vitor e Ariel,
meu maior tesouro, minha motivação. A
minha querida mãe, mulher guerreira,
que mesmo sozinha, sempre batalhou
por mim. Foi por vocês que cheguei até
aqui!

AGRADECIMENTOS

Terminar esse curso de Letras habilitação língua portuguesa, para mim significa muito mais do que a concretização de um sonho representa em minha vida superação, em todos os sentidos. Quando decidi mostrar pra mim mesma, que seria capaz de vencer cada desafio que a vida me propôs. Não venci sozinha, pois tive sempre a presença de Deus ao meu lado esse, com certeza foi e sempre será, meu maior estímulo para continuar e seguir em frente sem nunca desistir. Pois mesmo tendo sido aluna de EJA (Educação de Jovens e Adultos). E sabemos que essa modalidade de ensino apresenta um enorme índice de evasão na atualidade, sempre procurei complementar com uma boa dose de autoestima pra chegar até aqui.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus “Autor da minha vida” e digo com convicção que sem a Sua presença ao meu lado, jamais teria conseguido. Minha “família”, por me incentivar, mesmo nos momentos mais difíceis da jornada acadêmica, sempre ao meu lado, acreditando em mim e na minha vitória. Vitória essa, que busquei conquistar por eles e para eles, “meus filhos” (Luane, Vitor e Ariel). Acredito meus queridos, que nem tenham noção disso, mas foi principalmente por vocês que me sentia motivada a continuar, e por isso agradeço ainda a Deus pela existência de vocês. Agradeço e expresso, toda minha alegria e satisfação em dizer que, se cheguei até aqui, devo em partes a vocês minha mãe Maria José, meu pai Ezequias e meus irmãos Gildevan, Lucinalva, Isaias, Elionaldo e Nubia Kelly, que formam a base para a existência da pessoa e profissional que me tornei hoje.

A minha querida Tia Anginha (sogra) pelas palavras de apoio desde o ensino médio, “muito bem continue que vai da certo” palavras que guardarei pra sempre em minha memória. Aos amigos e irmãos em Cristo, tanto os de perto, como também os de longe, pelo apoio e orações em meu favor, serei sempre grata pela vida e amizade de vocês, não quero citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém. O Senhor os compensará grandemente.

Ao meu esposo (Junior) e companheiro de turma, pela parceria nos trabalhos, apresentações e pesquisas, não somente no curso, mas, também no PIBID Letras, onde fizemos uma ótima parceria e descoberta de novos conhecimentos, tenho certeza, que sem você tudo teria sido mais difícil, você faz parte dos planos de Deus em minha vida, foi com você que eu sempre compartilhei todos os meus medos e angústias, não tem como esquecer que mesmo nos momentos de dúvidas e dificuldades você dizia: “vai da tudo certo!” e assim continuávamos vencendo os desafios até chegarmos aqui, concretizando esse sonho.

Aos meus mestres professores: Ananias, Sylvania, Claudio, Gercina, Larissa, Ariane, Vieira, Gorete, Fernando, Sueli, Luciana, Márcia e Socorro que passaram pelo CAP desde o início do curso, e nos trouxeram uma enorme contribuição de conhecimentos. Não poderia deixar de fazer um agradecimento

todo especial a minha orientadora, professora Doutora Cláudia, pela paciência e toda dedicação, agradeço de coração por todas as palavras de incentivo que me deu, no decorrer desse trabalho, por me fazer enxergar novos olhares na construção dessa pesquisa, jamais esquecerei todo o seu apoio. E ainda a vocês professores que formam essa banca analisadora, pela disponibilidade de estarem presentes nesse momento tão importante da minha vida. Encerro aqui meus agradecimentos, com a primeira palavra que aprendi para expressar gratidão, "OBRIGADA!".

O nordestino reconhece no meu trabalho o amor pela terra, o carinho e o respeito por suas coisas, por suas tradições.

(GONZAGA. Luiz, **Vozes do Brasil**. 1990, p. 31)

RESUMO

Considerando as canções de Luiz Gonzaga, este trabalho se dispôs a tratar da variação linguística atentando para a identidade cultural constituinte/constituída do/pelo sujeito. Cinco canções do acervo musical do cantor – Asa Branca, A Volta da Asa Branca, Qui nem Jiló, Pau de Arara e ABC do Sertão – foram buscadas em dois sítios eletrônicos e constituem o *corpus* da pesquisa. A investigação tem, portanto, caráter documental e bibliográfico. Com base nos estudos de Hall (2006) tratamos sobre as contínuas mudanças culturais e como a identidade do sujeito nordestino também passa por modificações (MERCER, 1990). Além disso, o preconceito linguístico aparece como parte do processo assenta-se, na variação linguística, mais especificamente, em relação ao sujeito nordestino, o que nos leva a uma discussão com apoio em Bagno (2008). Tal discussão corrobora para a constituição de uma identidade apontada por Hall (2006) ao tratar do sujeito sociológico. No decorrer da análise, percebemos que a expressão da variação linguística presente nas canções do cantor mostra um caráter atemporal no que diz respeito à identidade cultural. Isto ocorre pelo fato dessas canções perpassarem gerações expressando a cultura não só de um povo, mas também de uma época. Sendo que para o sujeito contemporâneo a variação existente nas canções opera pela diversidade linguística e, por conseguinte, como reiteração da identidade nordestina.

Palavras-chave: Variação linguística. Identidade. Reiteração.

ABSTRACT

Considering the songs of Luiz Gonzaga, this work intends to deal with the linguistic variation, considering the constituent/constituted cultural identity of the/by the subject. Five songs from the musical collection of the singer – “The *Picazuro Pigeon*”, “The Return of the *Picazuro Pigeon*”, “Like *Solanum Gilo*”, “Macaw’s Perch” and “The ABC of Sertão” – were searched in two electronic sites and constitute the *corpus* of the research. The investigation has, therefore, documentary and bibliographic character. Based on the studies of Hall (2006) we deal with the continuous cultural changes and how the identity of the Northeastern subject undergoes modifications (MERCER, 1990). In addition, linguistic prejudice appears as part of the process that is based on linguistic variation, more specifically, in relation to the Northeastern subject, which leads us to a discussion with support in Bagno (2008). This discussion corroborates with the constitution of an identity pointed out by Hall (2006) when dealing with the sociological subject. In the course of the analysis, we notice that the expression of the linguistic variation present in the songs of the singer shows a timeless character concerning to cultural identity. This is due to the fact these songs pass through generations expressing the culture not only of a people, but also of a time. Because for the contemporary subject, the variation existing in the songs is operated by the linguistic diversity and, therefore, as reiteration of the Northeastern identity.

Keywords: Linguistic variation. Identity. Reiteration.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1.	A VARIAÇÃO LINGUISTICA: POR UMA COMPREENSÃO DA DIFERENÇA.....	14
1.1	A Língua numa perspectiva cultural.....	15
1.2	Preconceito linguístico: Variação ou erro?.....	17
1.3	A identidade: dizendo quem é.....	20
1.3.1	Identidade cultural.....	22
2	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: REITERANDO A IDENTIDADE CULTURAL.....	23
2.1	Realidade e esperança	23
2.2	Retornando para casa.....	26
2.3	Identidade na saudade.....	29
2.4	A identidade no Êxodo.....	31
2.5	Ensinando a identidade.....	33
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
4	REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Em um país onde a diversidade cultural, étnica, social e econômica como a Brasileira, a variação linguística torna-se notória. E quando falamos de variação, logo pensamos em diferenças entre grupos, culturas e indivíduos. Essa pesquisa busca tratar especialmente da variação linguística considerando as músicas de Luiz Gonzaga como reiteração a ideia de uma identidade cultural nordestina.

Segundo estudiosos como Hall (2003) e Bauman (2005), as identidades dispõem de um caráter transitório, mutante, decorrente da perda da estabilidade e da fixidez para o sujeito, onde ao mesmo tempo em que perde traços de sua cultura adquire traços de outra. Sendo a identidade plural e fragmentada, vemos que Luiz Gonzaga mesmo tendo migrado para outra região de cultura diferente, o cantor se vale da música para expandir e reiterar sua cultura de origem. Nesse sentido, essa pesquisa é impulsionada, para mostrar que muito da cultura vivenciada é um processo de construção/desconstrução de uma identidade.

Vale ressaltar que a variação empregada na linguagem musical é uma produção discursiva onde o falante utiliza-se de traços da cultura em que esteve inserido. Para tanto, nos valem de recortes de algumas canções como: “*Asa Branca, A volta da Asa Branca, Qui nem Jiló, Pau de Arara e ABC do Sertão*”. A ideia passa pela compreensão de que essas canções trazem a inscrição do sujeito sociológico de Hall (2013), o que nos faz pensar que os ouvintes dessas canções, também se apropriavam dessa inscrição como um retrato da identidade cultural nordestina, ou seja, a reiteração de uma identidade fixa. Pensando assim, buscamos entender sobre o sujeito sociológico, assim como os demais sujeitos discutidos por Hall (2013), no que tange a discussão da identidade.

A falta que Luiz sentia de seu lugar de origem, a saber, na revelação que faz em uma das canções como “*Qui nem Jiló*” parece traduzir sentimentos, crenças, afinidades, inscrevendo identidade cultural do nordestino como se pudesse ser um retrato. Pensamos se tratar do que Bhabha (2013), compreende como mímica, que ao modo do autor opera por repetição, a repetição do mesmo diferenciado, um espaço da identidade pressupõe a

diferença arbitrária entre superior e inferior. A cópia do colonizado é feita a partir do modelo “original”, o colonizador, uma espécie de acordo irônico. As músicas destacam a escassez das chuvas, o descaso político, o preconceito e a exploração em diversos aspectos, a cultura regional viva, baseada em festas tradicionais, folclore e ritmos típicos da região.

Entretanto, a ideia de reiterar a cultura nordestina passa pela problemática do preconceito linguístico ao privilegiar um modo de falar denominado “culto” e inferiorizando outras manifestações da linguagem classificando-as como “erradas”. Classificação, já rechaçada pelos teóricos pós-críticos que não concebem manifestações binárias em que um termo está em oposição a outro. Ao pensar nisso, entendemos que existem questões a serem respondidas, tais como: “Existem variações da língua ou uma formulação errada do que se entende como norma culta? Sendo o Brasil um país possuidor de uma pluralidade cultural, seria necessário impor uma norma que determinaria o que estaria certo ou errado na sua língua? A música seria, de fato, uma estratégia discursiva de contradição e deslocamento? Questionamentos e indagações dessa natureza nos remete as canções de Luiz Gonzaga como, material empírico de pesquisa, considerando como principais categorias de análises a variação linguística, identidade cultural e diferença.

Com base em uma abordagem qualitativa, buscaremos, segundo Minayo (2000, p.21) respostas a questões particulares que não podem ser quantificadas como o universo de significados, de motivos, de aspirações, de crenças, de valores e atitudes da atuação do que se propõe a pesquisa. Para Martinelli (1999, p.115) A pesquisa qualitativa se insere no marco de referência da dialética, direcionando-se fundamentalmente, pelos objetivos buscados. O desenho da pesquisa qualitativa deve nos dar uma visibilidade muito clara objeto, objetivo e metodologia, de onde partimos e onde queremos chegar.

Utilizamos o processo metodológico de pesquisa documental, Gil (2002), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, posto que a diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. Segundo Pádua (1997,

p.62) pesquisa documental “é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados) tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...]”.

Para análise será utilizado trechos dessas canções valemo-nos de um aporte teórico da sociolinguística associado a perspectiva pós-crítica dos estudos de Hall (2003), Bhabha (2013) e Bauman (2005), dentre outros. O campo de pesquisa se diversifica a medida que o material empírico (canções) se encontra acessível em livros, revistas – arquivos diversos de acervos públicos –, bem como no espaço virtual – arquivos online de diversos sítios.

1 A VARIAÇÃO LINGUISTICA: POR UMA COMPREENSÃO DA DIFERENÇA

Sendo o Brasil um país multicultural, a sua cultura adquiriu traços de culturas de outros países desde sua colonização. Além de fatores sociais, étnicos e ideológicos, sua língua apresenta uma vasta variação, e por meio dessa variação destacaremos como foco principal dessa pesquisa a identidade cultural nordestina o que julgamos passar por um processo de reiteração através das canções de Luiz Gonzaga. Uma nação apresenta vários traços de identificação, e um deles é a língua. Esta pode variar de acordo com alguns fatores, tais como: o tempo, o espaço, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se manifesta verbalmente.

Apesar de muitos acreditarem que no Brasil fala-se somente uma única língua, a Língua Portuguesa apresenta grande variação de região para região, de estado para estado, sem esquecer a língua indígena que é, ainda, usada por diversas tribos, e sem esquecer também a língua de dezenas de colônias de imigrantes que vivem no país, tal como afirma Bagno (2008), ao lembrar-nos de que o Brasil é um lugar onde:

(...) são faladas mais de duzentas línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falares remanescentes das diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravista. (BAGNO, 2008, p.27).

As formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas". (TARALLO, 1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística". Vemos nesse trabalho que assim como a variação passa por constantes mudanças, a identidade também sofre esse processo de mutabilidade, ou seja, há quem diga que não se pode defini-la como estável ou fixa segundo Hall (2003).

Considerando as dicotomias saussureanas, a língua e a fala são noções distintas. Para Saussure tais noções seguem por caminhos individuais, ou seja, desassociadas. Por isso são vistas separadamente.

Bakhtin (1929), ao contrário de Saussure considerava que a língua não era constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada por meio das enunciações, fenômeno esse atribuído por Saussure a outra parte de sua dicotomia “a fala”. Outros autores também discordaram de Saussure, com relação a essa distinção entre a língua e a fala.

Jakobson (1960) entende que o princípio da homogeneidade do código linguístico, expressado por Saussure, era não mais que uma “ficção desconcertante”, pois sendo todo indivíduo participante de comunidades linguísticas distintas todo código é concebido de uma pluralidade de formas. Envolve um conjunto de outros subcódigos, tendo a livre escolha do sujeito falante, em função da mensagem, a quem ela é dirigida e da relação entre os falantes envolvidos na comunicação.

A relação entre língua e sociedade, na visão de Benveniste (1968) em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, apresenta a língua como uma ferramenta de análise da sociedade, descrevendo, conceituando e interpretando sua natureza e experiência.

A chamada Antropologia Linguística, uma constituição da sociolinguística dada pelos estudos de Sapir e Boas no início do século XX, entende que a linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis, e que a sociolinguística deve demonstrar variações linguística e social expressando uma espécie de multidisciplinaridade em sua origem. Sendo assim, a sociolinguística parte do ponto de vista de que qualquer língua apresenta sempre variações e é representada por um conjunto de variedades mostrando-se, portanto, heterogenia.

1.1 A Língua numa perspectiva cultural

A linguística tem avançado muito com relação a linguagem, mas ainda assim, o preconceito está bem presente na sociedade, privilegiando um modo de falar denominado “culto” e inferiorizando outras manifestações da linguagem classificando-as como “errada”. Ao pensar nisso, entendemos que existem questões a serem respondidas, “existem variações da língua ou uma formulação errada do que se entende como norma culta? Sendo o Brasil um

país possuidor de uma pluralidade cultural, seria correto impor uma norma que determinaria o que estaria certo ou errado na sua língua?”.

A pensar nesses questionamentos intencionamos buscar nas canções de Luiz Gonzaga – que ganharam espaço notório, dentro do acervo musical brasileiro, a ponto de o cantor receber o título de “Rei do baião” – a variação nelas contidas. Onde mesmo contendo palavras com a grafia “errada” gramaticalmente falando, não deixou de estabelecer uma compreensão da intenção que essas canções trazem.

Tendo em vista que o ponto mais importante do diálogo seja a compreensão entre os participantes desse diálogo. Ou seja, o sujeito falante/escritor estabelece uma proximidade com o ouvinte/leitor de sua fala ou texto, essa proximidade torna-se fácil quando os participantes compartilham de uma mesma vivência, no caso das canções de Luiz Gonzaga.

Descrever a língua numa perspectiva cultural, apresentando as canções de Luís Gonzaga, como variação linguística é aqui analisar a reiteração da identidade cultural do sujeito nordestino. Chamaremos essa visão de “atemporal” interpretando como, representação do sujeito considerando o contexto histórico e social na época em que as canções foram compostas, e reiterando essa identidade em conformidade ao sujeito contemporâneo. Daí porque falamos de uma identidade móvel, precária e contingente, até porque a língua é uma parte efetiva da linguagem que compõe um princípio individual, porém não é determinada por um único ser, e sim por um grupo social, o espaço e o tempo em que se contextualiza.

Neste raciocínio, as canções do repertório de Luiz Gonzaga, mostram uma linguagem espontânea. Se nos remetermos a pensar no grau de escolaridade que, o próprio cantor cita “Parei no primeiro ano primário. Mais quer saber de uma coisa? Sou formado na universidade da vida” (GONZAGA Luiz, 1990, p. 67), e ligarmos isso as letras de suas canções julgamos que, mesmo não havendo um domínio sobre a norma considerada culta ou padrão, as informações contidas nas canções atingem perfeitamente um grau de entendimento escolarizado. Mostrando que as variações não impossibilitam a compreensão do que se é dito. Apesar de existir certo preconceito linguístico, com o intuito de sinalizar o que é certo ou errado.

1.1 Preconceito linguístico: Variação ou erro?

A variação linguística na linguagem humana é uma realidade, os estudos sobre essa temática são de suma importância, especialmente no Brasil, que apresenta uma diversidade sociocultural, marcada por heranças linguísticas de culturas de diversos povos. Por essa razão no Brasil, cada região traz uma característica própria de variações no que se relaciona a linguagem, e esse trabalho se propõe a apresentar as variações linguísticas presentes na região nordeste do Brasil, e que são expressas nas canções de Luiz Gonzaga.

A existência dos preconceitos linguísticos, principalmente na visão de que existe uma forma de linguagem oral e escrita chamada culta, muitas vezes expressa pelo falante uma rejeição as variações entendendo-as como uma forma errada de linguagem. No tocante a esse assunto traremos uma breve reflexão para nos ajudar a entender sobre a importância dessa pesquisa. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), também tratam da discussão sobre o preconceito linguístico, posicionando-se contra qualquer forma de discriminação por meio da linguagem. De acordo com os PCNs:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (1997.p.26).

O preconceito referente à linguagem está bem presente na sociedade, privilegiando um modo de falar denominado “culto” e inferiorizando outras manifestações da linguagem classificando-as como “errada”.

Achamos pertinente abordar o “Preconceito Linguístico” nesse momento do trabalho, e ao que se trata da variação linguística que, nem sempre é entendidas como tal. Segundo (BAGNO, 2008, p.11) “A principal modificação se encontra no plano da terminologia. Abandonei definitivamente a expressão “norma culta” por causa das muitas ambiguidades que ela implica”.

Dizer que existe uma norma considerada culta, implica dizer que existe uma, não culta remetendo as variações da língua a serem vistas como uma espécie de erro linguístico. Por essa razão adentramos nessa discussão sobre preconceito linguístico. O autor ainda diz:

Quarenta anos de pesquisa sociolinguística no Brasil tem demonstrado que existe uma distancia muito grande entre o “português” que as gramáticas normativas tentam impor como uso único e exclusivo da língua e os variados modos de falar que encontramos na atividade linguística real dos cidadãos que gozam de prestígio social (BAGNO, 2008, p.11).

É como se existisse uma enorme parede entre as duas abordagens que, se encarada na perspectiva da gramática normativa. Enfatiza-se aí o questionamento anteriormente citado com relação a essa forma digamos não culta, “variação ou erro?”. De acordo com Leite, o preconceito linguístico é:

“[...] a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: é um não-gostar, um achar-feio ou achar-errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto” (LEITE, 2008, p. 24-25).

A língua passa por uma continua transformação, fenômeno esse, que recebe o nome de “processo de gramaticalização”. Partindo desse pressuposto pode-se dizer que a única influência que pode ser sofrida por uma dada palavra, deve partir da própria gramática normativa. Desconsiderando qualquer outro fator natural da fala como a influência do meio em que essa palavra é pronunciada, a saber, as influencias culturais e sociais.

O que queremos dizer é que, o que a gramática normativa e seus defensores tratam inicialmente como um erro e lutam contra a propagação desse “erro”, não conseguindo controlar essa propagação, não só aceita, mas, lança mão e apropria-se dessa variação antes considerada erro, e ainda diz que é uma ocorrência de um “Processo de Gramaticalização”

Sabemos que para que ocorra esse processo de gramaticalização, a palavra não sofrerá essa transformação de imediato, pois de acordo com a perspectiva anteriormente formada, a palavra necessita passar pela “aprovação” da gramática. E se tratando da pronuncia que geralmente é o inicio do ocorrente preconceito, (BAGNO, 2008, p. 59) argumenta: “Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões”.

O autor ainda ressalta, que quando se trata de uma variação regional, mais precisamente a região nordeste, esse preconceito torna-se bem mais notório. Diz que se uma ocorrência de um processo fonológica da língua que, em uma região é considerado como uma variação em outra é visto como, erro, sendo o caso da palatalização, que é muito comum na região sudeste do Brasil sua utilização na pronuncia de palavras como, dia e tia que são pronunciadas, djia e tchia. Onde o mesmo fenômeno sendo utilizado por um indivíduo, da região nordeste é considerado errado e taxado como engraçado, como no caso da pronuncia da palavra oitcho que tem a escrita oito.

O processo é o mesmo, como cita o autor, a diferença é a localização da “vogal I” na palavra. O que queremos destacar aqui é que existe uma imposição de regras instituídas pela gramática normativa, que segundo se tem visto, são de certo modo desleais. Como se o preconceito fosse além do que se diz respeito à língua. Pode-se dizer assim que a variação linguística é o resultado de um processo cultural, social e que tem participação na construção da identidade cultural de um sujeito.

Buscamos entender porque em alguns casos essa variação é tida como erro e até vista como uma representação errada da fala/língua. A língua em seu percurso contínuo passa por transformações, sofre alterações, ou seja, ela é extremamente mutável, se observada por essa perspectiva, o que hoje é tido como “certo”, em outro momento pode não ser mais, e o que era tido como “errado”, em um dado momento pode se tornar “certo”, ou aceitável.

O que culturalmente se tornou conhecido por certo grupo de pessoas, em determinada região, pode se tornar ou ser estranho para outro grupo em outra parte. Partindo de um ponto de vista descritivo permite-nos analisar uma diferença que a princípio parece fundamental: que seria a distinção entre diferença linguística e erro linguístico. E dizer que diferença linguística não são erros. Poderia ser consideradas como erro, segundo a gramática normativa: construções que não se enquadram em nenhuma das variedades de uma língua.

Contudo este fato não a deixará pobre, porque são criadas novas palavras com uma proporção cada vez mais veloz, do que o desuso de algumas delas, pois “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo” (BAGNO, 2008, p. 136). A saber, as formas abreviadas nas palavras utilizadas nas redes sociais através de aparelhos antes citados.

1.2 A identidade: dizendo quem é

Ainda que pertencentes a mesma comunidade ou grupo, aceitar o outro com suas culturas e identidades diferentes é, por vezes, um processo que requer reflexão e aceitação da própria identidade frente à aceitação da identidade do outro. Esse repensar a própria identidade vem, em parte, da constante miscigenação étnica e cultural e da acelerada transformação global, pois, diferentes identidades se cruzam e se entrecruzam num ritmo tão acelerado que, muitas vezes, leva a uma crise da própria identidade, ou seja, já não se sabe mais “quem sou e o que eu sou”. Segundo a observação de Mercer *apud* Hall: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

A identidade tem passado por mudanças é fato, e de acordo com esse pensamento faremos uma breve discussão sobre identidade, considerando “A identidade cultural da pós-modernidade”, segundo Hall (2002), que em seu trabalho apresenta três concepções de identidade, sendo essas identidades concepções dos sujeitos denominados: (sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno).

Para Hall (2006) o sujeito do Iluminismo baseia-se numa concepção de um indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado das capacidades: razão, consciência e ação. Que a partir do nascimento se consiste num núcleo interior e segue entrelaçado ao indivíduo em seu percurso de desenvolvimento durante sua existência. Essa visão é tida por Hall como, individualista onde o centro essencial do eu é sua identidade. (HALL, 2006, p.10-11).

A concepção de identidade abordada aqui, nos ajuda a entender a proposta desse trabalho, por isso, ainda tratamos das identidades dos sujeitos,

sociológico e pós-moderno. O sujeito sociológico descentraliza o núcleo interior inserindo outras pessoas com importância semelhante para ele, deixando de ser autônomo e auto-suficiente. Segundo a visão de G.H. Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos, “a identidade é formada na interação do eu com a sociedade” (HALL, 2006, p. 11).

Essa concepção trata ainda, de um sujeito com uma essência interior tido como “eu real” formado e modificado num diálogo contínuo entre culturas externas e as identidades oferecidas por elas. Que numa concepção sociológica completa o interior e exterior, além do mundo pessoal e o público, essas identidades culturais alinham nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural, Hall (2006).

E ainda falamos de um sujeito fragmentado, agora composto por várias identidades e não mais por apenas uma. Essa é a concepção do sujeito pós-moderno que, segundo Hall (1987) no próprio processo de identificação, no qual projetamos nossas identidades culturais, mostra-se provisório, variável e problemático. Expondo um conceito de identidade não fixa, essencial ou permanente.

A identidade agora formada e transformada continuamente com relação às formas que somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam Hall (1987). O sujeito assume diferentes identidades em momentos diferentes numa definição historicamente dita e não biologicamente. Hall afirma que, se sentirmos que temos uma unificação da identidade, do nascimento até a morte, nada mais é que uma projeção de uma confortadora “narrativa do eu” Hall (1990).

Considerando tais construtos, Este trabalho busca nas canções de Luiz Gonzaga a representação e reiteração da identidade. Como já mencionamos antes, entendemos como representação da identidade com relação à época em que essas canções foram escritas e o sujeito que as ouviam na mesma época. E da mesma maneira entendemos como reiteração da identidade quando pensamos o quanto a cultura tem mudado desde a época em que as canções foram escritas, com a cultura vivenciada pelo sujeito hoje.

1.2.1 Identidade cultural

A identidade cultural em alguns casos sofre a influencia de fatores que, ocorrem através da adesão de características, hábitos, modos e traços da cultura em que esse indivíduo está inserido, que possibilitam a construção dessa identidade. E se tratando da fala ou língua, melhor dizendo, essas características, hábitos, modos e traços culturais variam de acordo com as regiões. Iremos destacar a região nordeste como alvo dessa pesquisa, pelo fato de Luiz Gonzaga ser um ícone no destaque da variação linguística nordestina.

Procuramos entender como a variação linguística inscreve pela reiteração a identidade cultural nordestina. Tendo visto que o cantor mesmo tendo que sair do seu lugar de origem (nordeste) migrando para outra região (sudeste) de cultura diferente, busca com sua forma de falar enfatizar em suas canções, uma mostra da variação linguística da região nordeste. O que para o sujeito nordestino atual faz uma reiteração da identidade cultural.

Em suas canções Luiz buscava sempre apresentar o Nordeste, seja através de fatores naturais como, as belezas encontradas no sertão, as dificuldades por consequência das secas e, em especial, o povo nordestino que de forma “heroica” enfrenta todas essas dificuldades. Daí porque diz:

Gostaria que lembrassem que sou filho de Januário e dona Santana. Gostaria que lembrassem muito de mim; que esse sanfoneiro amou muito seu povo, o Sertão. Decantou as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes. Decantou os valentes, os covardes e também o amo. (GONZAGA Luiz, vozes do Brasil, 1990, p. 48).

Em suas canções, ficaram gravadas, histórias de um povo que sofre com a consequência da seca, e isso seria um dos principais motivos, pelos quais migram para outros estados. Em busca de melhores condições de sobrevivência, mas sonhando e contando os dias para que a chuva chegue trazendo consigo a esperança e junto com ela novos planos e sonhos. A chegada da chuva para o nordestino não só floresce a vegetação, mas também, todas as suas expectativas. Para esclarecer melhor sobre esse assunto, usaremos as variações contidas nas próprias canções de Luiz Gonzaga, porque trazem uma linguagem simples, semelhante à fala de pessoas simples do Nordeste.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: REITERANDO A IDENTIDADE CULTURAL

Analizamos aqui a variação linguística nas canções de Luiz Gonzaga, entendendo-a como um processo de reiteração da identidade cultural do sujeito nordestino contemporâneo. Luiz Gonzaga era dinâmico conhecido como “O rei do baião”. Para suas canções utilizava variantes da língua, especificamente, regionais – região Nordeste – além de toda uma caracterização estereotipada de um sujeito nordestino: roupas típicas, chapéu e gibão de couro. O instrumento por ele tocado e os ritmos de suas canções marcavam Luiz, como um típico sujeito, cuja tipificação soa como, uma caracterização da cultura nordestina.

Vale dizer que após o aparecimento do ideal de cidadania, o termo cultura passa a ser visto como um sistema de atitudes, crenças e valores de uma sociedade. A partir de então cabe destacar que em seu percurso histórico, a cultura sofre diversas mudanças Williams (1980). A identidade cultural reflete essas mudanças e é, por isso, que analisamos as ideias e valores postulados com relação a cultura, destacando a variação linguística. Com base no que dizem estudiosos que citamos no capítulo anterior.

Considerando que a cultura nordestina é tratada nas canções de Luiz Gonzaga o *corpus* dessa pesquisa conta com trechos que demonstram a variação linguística (objeto de estudo) presentes nessas canções. Para tanto elencamos as seguintes canções: “*Asa Branca, A Volta da Asa Branca, Quem Jiló, Pau de Arara*” e “*ABC do Sertão*”.

2.1 Realidade e esperança

- Canção 1

A primeira canção a ser analisada “Asa branca” trás em alguns trechos, quais destacamos a variação linguística regional nordestina do Brasil e mostra uma representação do sujeito sociológico de Hall (2006). Que abordamos no primeiro capítulo desse trabalho, o sujeito nordestino contemporâneo passando por um processo de reiteração da identidade cultural. Segundo o autor esse

sujeito deixa de ser autônomo e/ou autossuficiente passando agora a interagir com a sociedade. Transparecendo a identidade cultural nordestina, por meio da variação linguística em sentido de reiteração da identidade. Vejamos a canção.

(Asa Branca)

Álbum: Asa Branca

Compositor: Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo

Qua fogueira de São João

Eu perguntei a Deus do céu, uai

Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia

Nem um pé de prantação

Por farta d'água perdi meu gado

Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca

Bateu asas do sertão

"Intonce" eu disse adeus Rosinha

Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas

Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo

Para eu voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus oio

Se espalhar na prantação

Eu te asseguro não chore não, viu

Que eu voltarei, viu

*Meu coração*¹

Podemos ver nos trechos que escolhemos da 1ª canção palavras que trazem em sua escrita, a forma fonética que o cantor e outros sujeitos nordestinos pronunciavam naquela época. Vejamos as palavras em destaque: (“Qua fogueira de São João”, “Eu perguntei a Deus do céu, uai”, “Que braseiro, que fornaia”, “Nem um pé de prantação”, “Inté mesmo a asa branca”, “Intonce eu disse adeus Rosinha”, “Quando o verde dos teus oio” e “Se espalhar na prantação”). Uma variação linguística regional marcada por um traço fonético, e que podemos identifica-la como sociocultural, por se tratar da identidade cultural que interage com a sociedade. Nessa perspectiva identificamos um processo de reiteração do sujeito nordestino contemporâneo, com relação ao contexto sócio histórico e cultural desse sujeito, e de quando essa canção foi escrita. Trata-se nas palavras de Bhabha (2013) da mímica, ou seja, a repartição de uma cultura de um outro modo, haja vista, o processo dinâmico da própria cultura. A repetição diferenciada carrega em si a perspectiva cultural da língua, o que o português normativo e os vários modos de fala consideraria erro alguns dos termos repetidos como um falar específico do considerado analfabeto e matuto. Esta ideia está presente nas palavras com a fonética diferenciada na canção “Asa branca”:

- Qua – qual
- Fornaia – fornalha
- Prantação – plantação
- Inté – até
- Intonce – então
- Oio - olhos

Essas palavras aqui destacadas, nos mostra traços de uma variação da língua enfaticamente utilizada pela região Nordeste do Brasil. As variantes da língua no Brasil são muitas, essas variantes passam por contínuas mudanças,

¹ Cf em: <https://www.letras.com.br/luiz-gonzaga/asa-branca>. Acesso em 19/09/2017.

Acreditamos que para Luiz era uma forma de estar sempre perto de seu lugar de origem, convivendo e escrevendo suas memórias e saudades.

2.1 Retornando para casa

- Canção 2

Na segunda canção “A volta da asa branca” analisamos a variação, que está presente em alguns trechos. Essa canção trata-se de uma suposta continuação ou resposta, da primeira canção analisada. E, por essa razão, achamos pertinente, analisá-la. Há um aspecto bem notório de vínculo com seu lugar de origem, que é bem explorado pelo cantor, quando cita traços culturais, as mudanças climáticas. Ocorrência movida pelas estações do ano, que se retrata na chuva, uma melhoria da vida do sujeito nordestino.

Visto como uma oportunidade para que esse sujeito possa voltar da região que, por um determinado período de tempo até lhe proporcionou melhorias, um lugar onde encontrou um suposto refúgio. Mas que não o satisfaz como sua terra, ou como o sujeito nordestino gosta de chamar “terrinha”, esse retorno para ele, reproduz em si mesmo um momento de glória. Representa sua vitória individual, sua conquista mesmo correndo risco de outra estiagem, o fazendo deixar novamente seu lugar de origem, como mostra a canção.

(A Volta Da Asa Branca)

Luiz Gonzaga

Já faz três noites

Que pro norte relampeia

A asa branca

Ouvindo o ronco do trovão

Já bateu asas

E voltou pro meu sertão

Ai, ai eu vou me embora

*Vou cuidar da prantação
A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se alembrou
De mandar chuva
Pr'esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiador*

*Rios correndo
As cachoeira tão zoando
Terra moiada
Mato verde, que riqueza
E a asa branca
Tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza*

*Sentindo a chuva
Eu me arrescordo de Rosinha
A linda flor
Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário
Vou casar no fim do ano².*

Essa 2ª canção “A volta da asa branca” fala sobre o retorno simbólico da ave, denominada asa branca, que se dá pelo fato da chuva ter se iniciado no sertão pernambucano. Luiz faz alusão da asa branca e sua volta, ao próprio sujeito nordestino e a si mesmo sendo ele também esse sujeito. Podemos ver na escrita dessa canção a representação do sujeito nordestino, através, da

² Cf. em: <https://www.letras.com.br/luiz-gonzaga/a-volta-da-asa-branca>, Acesso em 09/09/2017.

pronúncia de palavras presentes em alguns trechos. A variação linguística apresenta uma forma fonética diferente assim como a primeira canção analisada, o que desestabiliza a norma culta da língua quando a sua gramatologia inscreve a diferença, o que escapa à gramática normativa de modo a inscrever uma outra gramatologia. Torna-se numa ordem inversa do que (LEITE, 2008, p 24) diz ser “[...] a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: é um não-gostar”, Ou seja, do mesmo modo que é considerado “erro” ou linguagem matuta – e por isso o não gostar – é também uma aversão a ordem gramatical que naturaliza a norma.

As palavras correspondentes a variação: (“Vou cuidar da prantação”, “Deus agora se alembrou”, “Pr’esse sertão sofredor”, “Sertão das muié séria”, “Dos homes trabaiador”, “Terra moiada”, “Eu me arrescordo de Rosinha”, “Não atrapaiá meus pranos”). Esses traços fonéticos são diferenças – *como o diferente* – da fala geralmente ocorrido em pequenas cidades e povoados do interior do Nordeste, E por ser diferente, inscreve-se como minoria em um quadro em que a norma culta é naturalizada como bonita, certa, aceita. Além disso, algumas palavras apresentam também variação regional ao exemplo de: “Vigário” mais conhecido em várias outras regiões com “Padre”. Inscreve-se, pois, um estereótipo que marca uma identidade cultural quando pensamos no sujeito nordestino da época em as canções foram escritas, e como reiteração quando relacionamos ao sujeito nordestino contemporâneo.

Representação das palavras com a fonética diferenciada na canção “A volta da asa branca”:

- Pr’esse – pra esse
- Muié – mulher
- Trabaiador – trabalhador
- Moiada – molhada
- Arrescordo – recordo
- Atrapaiá – atrapalhar
- Pranos – planos

Cada palavra destacada mostra uma tendência de troca de consoantes por vogais como no caso de palavras como: “muié” que substitui as consoantes (lh) pela vogal (i) além dessa ocorrência ainda retira-se a consoante (r) substituindo-a pelo acento agudo na última vogal (e). Isso ocorre também com as palavras (trabaiador, moiada e atrapaiá). Outro traço que marca a variação linguística nordestina é a perda de vogais, como no caso da palavra (pr’esse), como vemos no exemplo a vogal (a) de (pra esse) é perdida dando lugar a essa variante antes citada.

Também é comum na variação em estudo, que sejam acrescentadas letras em algumas palavras, que é o caso de (arrescordo), utilizada na comunicação em função de (recordo). Esse processo nos mostra que a variação, não impossibilita a comunicação entre os sujeitos falante/ouvinte, mas, mesmo apresentando essas diferenças na pronúncia e/ou escrita, o entendimento entre esses sujeitos não é prejudicado.

2.2 Identidade na saudade

- Canção 3

Na terceira canção, “Qui nem Jiló” vemos que, além da variação com traços fonéticos diferentes podemos perceber a saudade que Luiz sentia da moça que deixara esperando, e o remédio para diminuir a saudade era cantar, como bem fala através dessa canção. Iremos destacar nos trechos das canções essa variação e mostrar que ela se encaixa de forma atemporal, se considerarmos o contexto histórico que o sujeito nordestino da época de Luiz e o contemporâneo. Podemos interpretar esse processo de duas formas, a reafirmação da identidade cultural nordestina, no que se refere ao primeiro sujeito citado e a reiteração da identidade cultural nordestina, se tratando do sujeito contemporâneo, vejamos a canção.

(Qui Nem Jiló)

Luiz Gonzaga

Álbum: Qui Nem Jilo

*Se a gente lembra só por lembrar
De um amor que a gente um dia perdeu
Saudade entonce assim é bom pro cabra se convencê
Que é feliz sem saber pois não sofreu*

*Porém se a gente vive a sonhar
Com alguém que se deseja rever
Saudade entonce assim é ruim eu tiro isso por mim
Que vivo doido a sofrer*

*Ai quem me dera voltar
Pros braços do meu xodó
Saudade assim faz doer e amarga que nem jiló
Mas ninguém pode dizer
que vivo triste a chorar
Saudade o meu remédio é cantar
Saudade o meu remédio é cantar³*

É notória a pronúncia de palavras com a fonética diferenciada na canção “Qui nem jiló”:

- Entonce
- Convencê
- Qui

Como acabamos de ver, a terceira canção traz variantes da língua bem específicas da região nordeste do Brasil. Primeiro, destacamos os trechos em que essas variantes aparecem e em seguida, nos reportaremos as palavras que mostram essa variação. Nessa canção os traços fonéticos ainda presentes

³ Cf. em: <https://www.letras.com.br/luiz-gonzaga/qui-nem-jilo>. Acesso em 09/09/2017

são como uma marca que está agregada em Luiz, mas além desses traços, palavras como “cabra”, utilizada para representação de “homem”, “xodó” para a representação de “um alguém especial”, “um amor” e como o próprio nordestino costuma dizer “um bem querer” são essas variantes muito utilizadas até os dias de hoje, sabendo que com mais ênfase na época em que essas canções foram escritas.

A variação presente nas canções de Luiz reitera a identidade cultural do nordestino numa concepção do sujeito pós-moderno que, segundo Hall (1987) no próprio processo de identificação, no qual projetamos nossas identidades culturais, mostra-se provisório, variável e problemático. Expondo um conceito de identidade não fixa, essencial ou permanente. O sujeito assume diferentes identidades em momentos diferentes numa definição historicamente dita e não biologicamente. Hall afirma que, se sentirmos que temos uma unificação da identidade, do nascimento até a morte, nada mais é que uma projeção de uma confortadora “narrativa do eu” Hall (1990).

2.3 A identidade no Êxodo

- Canção 4

A quarta canção escolhida, nos mostra além das variações, outro acontecimento bem marcante na vida do sujeito nordestino, o êxodo, ocasionado pelas secas, descaso político e desemprego, circunstâncias climáticas da região nordeste. Muitos desses sujeitos sentem a necessidade de sair de sua cidade ou comunidade onde moram, em busca de trabalho em outras cidades e até em outras regiões, como o caso que Luiz conta nessa canção “Pau de Arara”. O pau de arara é um caminhão com algumas bancadas de madeira presas na carroceria, e serve de meio de transporte, mais econômico pela falta de conforto, Vejamos a canção.

Pau De Arara

Luiz Gonzaga

Compositor:Luiz Gonzaga / Guio de Moraes

*Quando eu vim do sertão,
seu môço, do meu Bodocó
A malota era um saco
e o cadeado era um nó
Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau-de-arara
Eu penei, mas aqui cheguei (bis)
Trouxe um triângulo, no matolão
Trouxe um gonguê, no matolão
Trouxe um zabumba dentro do matolão
Xóte, maracatu e baião
Tudo isso eu trouxe no meu matolão⁴*

O pau de arara era um transporte muito utilizado na época, e principalmente, os indivíduos que são do interior, se identificam com o relato da canção. Mas também podemos considerar como um processo de reiteração da identidade cultural quando falamos do sujeito nordestino contemporâneo, a pensarmos que, esse indivíduo venha conhecer ou torne a vivenciar essa cultura, mesmo que na memória.

Podemos ver muitas variantes da língua utilizadas na região nordeste, que Luiz difunde pelo Brasil por meio de suas canções, nessa canção Pau de arara, encontramos algumas frases prontas, que são típicas da região. Caso de (“A malota era um saco e o cadeado era um nó” e “Só trazia a coragem e a cara”), essas frases são bem comuns para os nordestinos, principalmente os que viveram na mesma época em que Luiz viveu, mas muitos nordestinos ainda usam essas expressões.

Essa canção reflete a transparência do cantor quando fala das lutas e dificuldades enfrentadas para a conquista de seu ideal, como vemos no trecho (Eu penei, mas aqui cheguei). A identidade não está apenas na pronúncia das palavras, mas também nos modos de ser, viver e dizer. Mostra a simplicidade ao falar de seus instrumentos e da forma de como os transportou. Esses instrumentos (triângulo, gonguê e zabumba) citados pelo cantor na canção,

⁴ Cf. em: <https://www.letras.com.br/luiz-gonzaga/pau-de-arara>. acesso em 09/09/2017.

seguidos dos ritmos (Xóte, maracatu e baião) traz para o sujeito nordestino a lembrança dos festivais onde a alegria os fazia esquecer a seca, o descaso político e o desemprego, motivos que os fizera deixar sua terra.

Essas lembranças marcadas pelos que chamaremos de “símbolos culturais” na concepção do sujeito sociológico de (HALL, 2006, p. 11), o referido autor diz que “o núcleo interior desse sujeito, não era autônomo e auto-suficiente mas, na interação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos”. Segundo a visão de G.H. Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos, “a identidade é formada na interação do eu com a sociedade”. (HALL, 2006, p. 11).

2.4 Ensinando a identidade

- Canção 5

A 5ª canção a ser analisada “ABC do Sertão” é uma parceria entre Luiz Gonzaga e Zé Dantas, essa canção em especial mostra a variação da língua na região nordeste de forma explícita. Os autores usam a letra da canção para de certa forma explicar a variante em uso na região. ABC do sertão mostra a forma de ensino do alfabeto e a pronúncia de algumas letras, que os educadores da época utilizavam para supostamente simplificar o processo de ensino e aprendizagem. Há uma quebra da norma gramatical pela própria produção inventiva da cultura. Como diz Hall (1987) a identidade vai sendo formada e transformada continuamente com relação às formas que somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam Hall (1987) Vejamos a canção:

(ABC do Sertão)

Luiz Gonzaga

Compositor: Luiz Gonzaga / Zé Dantas

Lá no meu sertão pros caboclo lê

Têm que aprender um outro ABC

O jota é ji, o éle é lê

*O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê
Até o ypsilon lá é pssilone*

*O eme é mê, O ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê⁵*

Essa canção retrata a forma de como os professores ensinavam o alfabeto, que no nordeste chamavam de "ABC". Além da variação da pronúncia do próprio alfabeto, palavras que são variantes da região nordeste, como: (caboclo) que normalmente se refere a uma entidade do candomblé (religião trazida para o Brasil por Africanos escravizados, com grande quantidade de seguidores na Bahia e em outros lugares da região nordeste). Mas na canção essa expressão (caboclo) se refere ao homem de forma geral assim como o caso da expressão (cabra) já visto em outras canções do cantor.

Agora ao que se trata da variação demonstrada pelos autores da canção com relação ao "ABC", (o alfabeto) vejamos a representação fonética de cada letra que apresenta, essa variação no alfabeto chamado, "ABC do sertão".

Vejamos as letras que apresentam a variação na pronúncia e que os autores da canção citam na letra escrita.

- Letra (J) jota, de acordo com a letra da canção é (ji).
- Letra (L) ele, conforme o ABC do sertão se pronuncia (lê).
- Letra (S) esse, se pronuncia (si).
- Letra (R) erre, traz como pronuncia (rê).
- Letra (Y) ípsilon, se pronuncia (pssilone).

⁵ Cf. em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/abc-do-sertao.html>, acesso em 30/09/2017.

- Letra (M) eme, de acordo com a letra da canção é (mê).
- Letra (N) ene, se pronuncia (nê).
- Letra (F) efe, conforme o ABC do sertão é (fê).
- Letra (G) gê, traz a pronuncia (guê).

As letras das canções de Luiz Gonzaga trazem a variação linguística da região nordeste, de forma bem expressiva e dinâmica, A partir de então, entendemos que a intenção do cantor é apresentar a cultura de sua região. E que ao fazer isso, reitera a identidade cultural do sujeito nordestino contemporâneo.

A cultura passa por mudanças e assim também o sujeito nela inserido, tendo que repensar a própria identidade e isso vem, em parte, da constante miscigenação étnica e cultural e da acelerada transformação global, pois, diferentes identidades se cruzam e se entrecruzam num ritmo tão acelerado que, muitas vezes, leva a uma crise da própria identidade, ou seja, já não se sabe mais “quem sou e o que eu sou”, segundo a observação de Mercer (1990) *apud* Hall.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática discutida neste trabalho, acerca da variação linguística e o processo de reiteração da identidade. É fato que vivemos num país multicultural: “o Brasil”. Sabemos que a sua cultura adquiriu traços de culturas de outros países desde sua colonização. Por consequência de miscigenação, sua língua apresenta uma vasta variação. Este trabalho nos proporcionou investigar a variação linguística e sua relação com a identidade cultural nordestina, o que julgamos passar por um processo de reiteração, através das canções de Luiz Gonzaga.

Na manifestação da linguagem como processo de interação, entendemos que o ponto mais importante do diálogo, seja a compreensão entre os participantes desse diálogo, o que nos fez pensar e abordar a questão referente ao preconceito linguístico, que em alguns casos a variação é vista como uma formulação errada. Entretanto, a variação linguística não impossibilita a compreensão do que se é dito a saber que, mesmo nos dias atuais, vivenciamos um contexto que a variação expressada nas canções do referido cantor, em parte, já caiu em desuso. E mesmo assim continua produzindo significações.

A identidade cultural em alguns casos sofre a influencia de fatores que, ocorrem através da adesão de características, hábitos, modos e traços da cultura em que um indivíduo está inserido, e possibilitam a construção dessa identidade. E se tratando da fala ou língua, melhor dizendo, essas características, hábitos, modos e traços culturais variam de acordo com as regiões. Em suas canções Luiz buscava sempre apresentar o Nordeste, as dificuldades por consequência das secas e, em especial, o povo nordestino que de forma “heroica” enfrenta todas essas dificuldades.

Diante do que temos visto através dessa análise, sobre a variação linguística, com relação ao processo de formação da identidade cultural do sujeito nordestino contemporâneo, entendemos que essa identidade se reitera de acordo com o processo histórico. Essa manifestação, por meio da variação linguística nas canções de Luiz Gonzaga, manifesta o desejo que o cantor

expressa nas suas composições, pela preservação da memória cultural de sua época e de seus saberes, mesmo que assentados na sua tradição oral. As canções de Luiz Gonzaga traduzem, no popular, a variação linguística da região nordeste.

Referencias

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola. (2008)

BAKHTIN, M. M. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud et al. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 196.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevistas a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BENVENISTE, E. **Estrutura da língua e estrutura da sociedade**. In: Problemas de linguística geral II. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989 (título original, 1968).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília (1997) p. 26.

CHOMSKY, N. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Tradução José Antônio Meireles e Eduardo P. Raposo. 2. ed. Coimbra, Portugal: Armênio Amado Editor, 1965

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZAGA. Luiz, **Vozes do Brasil**: Martin Claret Editores – São Paulo – SP (1990).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções do nosso tempo. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-44, 1997.

_____. Da diáspora. **identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Unesc, 2003.

JAKOBSON. **Linguística e poética**. In: Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1970.(título original, 1960).

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINELLI. Pesquisa qualitativa: **um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: **teoria, método e criatividade**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PÁDUA, E.M.M. Metodologia da pesquisa: **abordagem teórico-prática**. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1997.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1980.